

CRÔNICA

Dal e os peixinhos dourados

Por Lasana Lukata

Poeta e escritor

E-mail: lasanalukata@yahoo.com.br

Chamei meu amigo para caçar peixinhos dourados nas antigas valas negras rua abaixo. Ele se riu, dizendo:

- Peixinhos dourados em valas negras?! Parecia Natanael falando de Cristo: pode vir alguma coisa boa de Nazaré? E eu disse a Dal o que os discípulos disseram a Natanael. Vem e vê.

Naquele tempo eu já dava sinais de detalhes barroco, pois quando Dal me pareceu para caçar peixinhos, veio com uma lata de salsicha. Não, não! Joguei a lata de salsicha fora e lhe dei uma de sardinha. Dal, as coisas têm que combinar. Cheiro de boi não dá! Não pesca peixe. Se ao menos fosse peixe -boi... Mas são dourados. É mais fácil o peixe pescar você conforme Jonas foi pescado pelo grande peixe. Como hoje, no tempo de Jonas muitos concursos e histórias de pescadores existiam, mas era sempre o homem pescando o peixe: uns pegando peixe de 60 metros, outros de 500 quilos, mas era sempre o homem pescando peixe. Deus até quis se comunicar com Jonas para ele não escrever mesmices do mar, mas o homem não dá ouvido a Deus. Não restou alternativa para o Altíssimo senão o de inspirar o grande peixe (aceitemos baleia) a engolir Jonas.

Li na internet que “O Departamento de Letras da PUC -Rio oferece habilitação em três anos: Formação de Escritor. Note -se que são três anos. Eis aqui a diferença entre a PUC-Rio e Deus: Deus é mais rápido. Intensivo. Conciso. Com apenas três dias e três noites de curso no ventre da baleia e Jonas saiu de lá escritor. Criativo. O peixe me pescou. Aliás, Jonas não saiu, foi vomitado. Com o PROUNI há muitas baleias engolindo e vomitando cardumes de Jonas por aí. Desculpe, Deus, mas Literatura não é só vômito e criatividade. O Senhor fez a sua parte dando a pontinha

de inspiração, mas Jonas não fez a dele, a de transpirar. Foi para debaixo da aboboreira e ficou esperando o título de escritor por usucapião. Serei escritor. Nem que seja por usucapião e que a sentença, juiz: não me custe mais de um milhão.

Mas voltemos para Nínive, pois como Jonas, a crônica já fugiu bastante da presença do Senhor para Társis. Mostrei a Dal um cardume de peixinhos dourados na vala.

- Dourados?! Onde?

- Tá bom! Pesquei um, pus na água limpa e em seguida na mão.

- Aqui! Douradinho!

E ele:

- Cadê?! Esse é cinza!

Daí porque o chamo de Dal. Ele é daltônico. Foi um sacrifício para ele passar nos testes de cores para ingressar na Marinha.

Um dia, já grandes, fomos parar num lugar chamado Bom Pastor. Era domingo. Lugar desprezado como a Nazaré de Cristo. Fomos para a beira do campo e Dal já chegou olhando o lugar feito um Natanael. A bola rolava e chovia. O campo era vala negra. Acinzentava as peles, mas as camisas amarelas, azuis e calções pretos e vermelhos pareciam peixinhos dourados.

- Peixinhos dourados?! Em Jardim Bom Pastor, Lukata? Belford Roxo?! Não exagera.

De repente um preto cansou e deu a vaga e veio sentar-se ao pé de nós. Com um, bom dia!

Estava imundo. Mas quem liga para isso se a pelada é gostosa? É tomar banho e pronto.

Meu amigo Dal começou a puxar assunto com o preto:

- Pois é, rapaz! A vida é difícil! Se a gente não estudar...

O preto ergueu os olhos e fez:

- É!

E Dal continuou:

A vida passa rápido, é muito curta, se a gente não estudar...

O preto ergue os olhos mais uma vez e: É!

Aquele bando de desocupados, jogando ali o tempo fora. Cristo pelo menos era carpinteiro... E incomodado com os perdidos, querendo salvar ao menos aquele que veio sentar-se ao pé dele. Ele agora sargento da Marinha do Brasil, elo entre a oficialidade e as praças, desejava ser o elo entre aquele preto e a civilização... Champanhe Moe & Chandon, Cabernet Sauvignon, curso de francês na Aliança Francesa... E Dal saiu com essa:

- Pois é, rapaz! Eu estudei... Hoje estou na Marinha... Sou sargento!

O preto deu um salto e sorridente disse:

- Muito prazer, sou capitão! Passa amanhã na minha unidade militar para almoçar comigo!

E voltou a sentar que a pelada era dourada. Um tempinho para disfarçar o desconcerto e Dal foi se afastando do campo com o seu preconceito que o daltonizava.